

As palavras
Teseiro de menino
Aletria, modos de usar
Petuba primeira
O que voce quer ser quando crescer?
O que os deslembos
Vida passatima
Apresentando o bocê
Lareira
A cidade como estilo
Viagens de volta
Quando papai noel
Chavinha de santo antônio
Museu da infância eterna
Memória do leite
Feliz caernobovo
Mudei eu
Duas velinas
Muitos das vassouras
A primeira perda
Quarto de luna
A falta da filha
Prosperidade
Cantos para quê?
Dois caçadores
Resíduo
Vasilhame
Testamento
Senhor Antônio
Quantos anos

Museu da infância eterna
Miguel Sanches Neto

Sumário

As Palavras	9
Tesouro de Menino	17
Alegria: Modos de Usar.	21
Petuba Primeira.	27
O Que Você Quer Ser Quando Crescer?	31
Objetos Deslocados.	37
Vida Passarinha	43
Aprendendo o Abecê.	49
Lareira.	55
A Cidade Como Estilo.	61
Viagens de Volta.	67
Querido Papai Noel.	71
Chavinha de Santo Antônio	77
Museu da Infância Eterna.	83
Memória do Leite	87
Feliz Caderno Novo.	93
Mudei Eu	97
Duas Velinhas.	101
Mutirão das Vassouras	107

A Primeira Perda	113
Quarto de Filha	119
A Falta da Filha	123
Prosperidade	129
Óculos Para Quê?	135
Dois Caçadores	141
Resíduos	147
Vasilhame	151
Afastamento	157
Senhor Antônio	161
Quantos Anos	171

As Palavras

Foi antes, um pouco antes de a televisão entrar em sua vida. O menino gastava suas horas de folga vendendo frutas em redinhas de plástico, dois cruzeiros a dúzia, nas redondezas da rodoviária. A casa de madeira em que moravam, sem cerca, ficava encostada à rodoviária, e a mãe permitia que ele ganhasse seu dinheiro com esse pequeno comércio, alegria de quem quase nada tinha de seu, apenas um carrinho de plástico, uma picape azul-celeste que durou anos. Nunca brincava com ela, para economizar.

Mãe, pai e irmãos trabalhando sem lamúrias: aqueles eram anos de labor e alegria, de fé e fascínio, de suor e sono. Com o que ganhava, o menino podia comprar seu lanche, garrafas de sodinha e as bolinhas de gude, chamadas burcas. E Burca virá a ser o apelido de uma de suas paixões adolescentes, por causa de certos olhos negros como as bolinhas usadas nos jogos em quintais de terra.

Desse tempo, a imagem mais terna que lhe ficará do padraço, um homem de mãos grandes e hábitos rudes, é a de uma partida que disputou com os filhos no terreno

baldio ao lado da casa. Aquele adulto, tão sério e inflexível, agachado e misturado aos meninos, foi um acontecimento único em sua infância de afetos ralos. Quando fecha os olhos, o menino ainda vê a mão imensa do padrasto segurando a burquinha, tão pequena na frente da unha de seu dedão pronto para atirá-la.

Vender frutas era melhor do que vender coxinha ou do que engraxar sapatos, e o menino estava feliz com o trabalho. Oferecia, nas janelas dos ônibus, poncã cheirosa e fresca, maçãs reluzentes, laranjas de casca mole. Não percorria o centro, aquele ponto era mais vantajoso.

Ao voltar, certa tarde, para casa, um rapaz da cidade parou o carro ao seu lado e pediu duas dúzias de poncã. O menino olhou, dentro do carro, a moça belíssima, pele branca, roupas boas. Ainda se lembra da marca do carro, da cor e das rodas esportivas. Entregou o produto e recebeu cinco cruzeiros, já ia devolver o troco, uma nota suja de um cruzeiro, quando o rapaz, rindo, disse que não precisava, aquilo era dinheiro de pobre.

Então descobriu, sob o olhar de uma mulher bonita, o que era ser pobre. Desde o episódio, mercadejou constrangido com sua pobreza, uma pobreza que não só ficou grudada em sua roupa como passou a ser ressaltada insistentemente pela televisão em preto-e-branco que o pai logo comprou e que transmitia, sob um chuvisco sem fim, a vida elegante das grandes cidades. Quando, tempos de-

pois, veio o aparelho colorido, também de segunda mão, sua pobreza aumentou ainda mais.



O fascínio por certas pernas, o amor pelas primas, a visão de um corpo seminu no quarto de costura da mãe, o olhar terno de uma namoradinha da escola, tudo isso o menino sentia como amor.

Poucos amigos ele tinha, pois não saía de casa a não ser para seus pequenos trabalhos, e a infância ia passando no mistério de tudo.

Até por certas senhoras o menino sentia disparar o coração, tal como diante do hálito daquela menina que, num domingo, em seu quarto, tinha dito “me beije”.

Como era bom o amor, a ignorância de certas coisas, a alegria do corpo do outro, que fazia com que o seu florescesse. Que maravilha, meu Deus.

Na escola, só os meninos são chamados para uma palestra. Há risos, cochichos, uns dizem saber do que se trata. Ele não sabe, sente que está diante de alguma coisa terrível, e se angustia.

Na sala, o professor de Português explica o que é reprodução, fala de certas doenças, castigo para o pecado da carne. Alguns perguntam coisas estranhas. Então o corpo era esse terreno sujo, essa perdição toda?

Na volta da escola, chorou no colo da mãe, seu mundo tinha perdido o sentido, tudo agora tão vazio. Mas não falou nada, não queria nem pensar nessa palavra sórdida que havia aprendido. Sexo.

Imaginando que ele estivesse com alguma dor, a mãe lhe deu dois comprimidos de Melhoral Infantil.



Certos termos nunca eram pronunciados em sua casa. Tabus mantidos por uma mentalidade mágica, fuga do poder negro da palavra, que atraía a coisa.

Naquela cidade em que só havia escolas públicas, os ricos estudavam pela manhã, e os pobres à tarde. Era uma divisão natural, cada um procurava seus pares e se um pobre acabava matriculado no matutino, logo mudava para o vespertino. E como castigo para os ricos que não se esforçavam havia a troca de turno.

O vespertino, no entanto, era o paraíso das senhoras que voltavam a estudar depois de casadas. Deixavam prontas as tarefas domésticas e iam para a escola, muitas vezes com os filhos, em estágios mais avançados e que as auxiliavam com as lições.

Já estava na sexta série quando a professora de Ciências perguntou qual seria a mais importante descoberta científica para a humanidade. As crianças falavam sobre

vida em Marte, uma espaçonave gigantesca em que todos pudessem viver e outros sonhos pueris. Uma das mulheres da sala, no entanto, disse que a maior conquista seria a descoberta da cura do câncer. E começou uma discussão sobre este tema.

Foi assim, depois de um festival de desejos, que o menino ouviu pela primeira vez essa palavra áspera, sempre ocultada em sua casa, onde ela aparecia como doença braba, eventualmente como cancro, termo que ele confundiu, depois de sua palestra sobre sexo, com uma das pragas venéreas.

Ao ser apresentado a esta terceira palavra, o menino concluía o aprendizado.

Setembro de 2003